

Desenvolvimento Harmonioso: A Evolução Moderna em Macau do Espírito Confuciano de “Imparcialidade, Harmonia, Hierarquização e Ensino”

*Pan Guanjin**

Na sua qualidade de Região Administrativa Especial, o objectivo final do desenvolvimento futuro das sociedades de Macau e Hong Kong é a concretização de “Um país, dois sistemas”. Esta prática deverá primeiramente sujeitar-se à prova dos tempos, não estando livre de vicissitudes. Assim, é preciso ser concretizada com harmonia, desenvolvimento, estabilidade e progresso, dos quais nenhum elemento será dispensável. Em 30 de Setembro de 2004, Hu Jintao, Presidente da República Popular da China, quando recebeu as delegações de Hong Kong e Macau, destacou que é preciso agarrarem-se as oportunidades para o desenvolvimento, conjugar esforços e vontades para assegurar a estabilidade e promover a harmonia com tolerância e ajuda mútua¹, o que constitui uma profunda exposição sobre as conotações de “Um país, dois sistemas”.

Em 7 de Maio do corrente ano, Edmund Ho, Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, quando recebeu a nova direcção da Federação dos Chineses do Ultramar de Macau, destacou que sem harmonia não haverá estabilidade, que é a condição prévia para o desenvolvimento e o progresso de Macau, em circunstâncias de normalidade e sem sobressaltos. Numa situação social harmoniosa, a primeira coisa é estar livre de preocupações futuras². Apesar de ser só um discurso proferido perante a Federação dos Chineses do Ultramar, representa a perspectiva do futuro do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, encabeçado por Edmund Ho, com base na sintetização das valiosas experiências de governação dos últimos 5 anos do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, no que diz respeito à procura dum desenvolvimento estável. Deste modo se pode ver que a harmonia e o desenvolvimento constituem já dois temas nucleares muito destacados.

* Licenciada em ciências jurídicas e mestranda no Instituto de Relações Internacionais da Universidade do Povo da China.

¹ Edição do Primeiro de Outubro de 2004, do Jornal Ou Mun.

² Edição de 8 de Maio de 2004, do Jornal Ou Mun.

O desenvolvimento harmonioso deve ser a ideologia da governação do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, o modelo estratégico do desenvolvimento social e os critérios básicos para os reajustes sociais e normalizações de Macau, de modo a transformarem-se em princípios comuns para um completo desenvolvimento político, económico, social e cultural de Macau. Como resultado da concretização da orientação “Um país, dois sistemas” em Macau, somos de opinião que o desenvolvimento harmonioso tem uma rica e profunda conotação teórica e constitui um novo desenvolvimento da tradicional civilização chinesa, após o seu intercâmbio com o resto do Mundo e a sua adaptação aos tempos, o que merece, portanto, ser objecto de estudos e análises mais aprofundados.

A “harmonia com diferença” e a “procura da sobrevivência mediante o desenvolvimento”: uma confluência da tradicional ideologia chinesa e a temática do mundo actual em Macau

A “harmonia com diferença” e a “procura da sobrevivência mediante o desenvolvimento”, são dois elementos nucleares do desenvolvimento harmonioso e são, precisamente, a essência da tradicional cultura confuciana chinesa e valores básicos da sociedade chinesa, que se transmitem de geração em geração. Num território especial como Macau, através dos intercâmbios com o exterior, ao longo dos tempos, verificou-se uma assimilação de outras culturas mundiais, a dar lugar a uma transformação criativa que se adapta às correntes do tempo.

A “harmonia com diferença” é um conceito filosófico na história da China. A “harmonia” quer dizer a mistura de coisas de Naturezas diferentes, que representa a unificação dum equilíbrio diferenciado ou diversidade. Pela “afinidade” entende-se a sedimentação de coisas semelhantes, que reflecte uma semelhança, sem diferenças ou simples e abstracta, dos quais, a “harmonia” personifica uma unificação, com base em princípios. Desde a mais remota antiguidade, a cultura chinesa acredita na “harmonia com diferença” e advoga-a. Já nos últimos anos da Dinastia Zhou de Oeste (c. 1066 AC-771 AC), Shi Bo, do Reino de Zheng, lançou o pensamento “Da harmonia nascem as coisas e a assimilação acaba com a continuidade” (Vejam «Diálogos das nações O Diálogo do Reinado Zhou»). Yan Ying, um pensador do Reinado Qi, que

viveu nos últimos tempos do Período de Primavera e Outono (722 AC-481 AC), destacou com maior precisão a diferença entre a “harmonia” e a “afinidade”, opinando que a vida quotidiana e os assuntos estatais são quadros de harmonia formados através de “interacção” e “complementaridade” de coisas e opiniões diferentes. A procura duma afinidade, em detrimento de diferenças, conduzirá a um insucesso total. Mais tarde Confúcio, como fundador do Confucionismo, lançou a ideia de “Os cavaleiros podem ser igualados, mas mantendo as suas diferenças e humildes, mesmo juntos, sem a harmonia” (Diálogos de Confúcio Com o Aluno Zilu), transformando este pensamento da harmonia e afinidade numa frase proverbial que circula até hoje em dia. Uma harmonia sem monotonia nem diferenças nem conflitos. A harmonia contribui para uma coexistência e um crescimento comum. A diferença cria complementaridades. A sua essência reside na condição prévia da percepção das diferenças das coisas, que se complementam em benefícios mútuos, de modo a atingir uma harmonia da situação geral. A “harmonia com diferença” não só se converteu num critério de valor ético dos chineses para lidar com o mundo, mas também numa regra muito importante do desenvolvimento dos assuntos sociais da China e das relações sociais. O que nós procuramos é a “harmonia” e não a “afinidade”. A harmonia é a base do desenvolvimento. Com a harmonia, nasce a vida e o desenvolvimento. A harmonia da vida dá vitalidade. Da harmonia entre as pessoas e as coisas nasce a afinidade. Da harmonia entre as pessoas e o céu, surgem as inspirações. Sem a harmonia, surgiram os elementos Yin (negativo) e Yang (positivo). A harmonia entre Yin e Yang criou o Céu e a Terra. Da harmonia entre o Céu e a Terra fundou-se o Universo.

Hoje em dia, o Mundo está a marchar na direcção da modernização; no entanto, as inovações modernas não constituem necessariamente subversões das tradições. Benjamin I. Schwartz destaca: “Nas experiências da Humanidade, podem existir algumas importantes áreas que ultrapassem tanto os tempos como os espaços, mas dificilmente as podemos definir como ‘tradicionalis’ ou ‘modernas’,... as mais variadas experiências passadas da Humanidade, sejam proveitosas sejam prejudiciais, podem continuar a persistir na realidade....”³

³ Benjamin I. Schwartz, «*In search of wealth and power: Yen Fu and the west*», tradução chinesa de Ye Fengmei, Edições do Povo de Jiangsu, 1995, citado em Zhang Songjian, “O total anti-tradicionalismo na história do pensamento moderno da China”, gwy.zj0579.com/Article_Print.asp?ArticleID=3583

A “harmonia com diferença” é o núcleo da dialéctica materialista — as regras da unificação das contradições são como “A mesma música interpretada em melodias diferentes”. Não quer dizer que não haja contradições, mas sim uma unificação ordeira entre as oposições e uma coexistência pacífica das contradições. O mundo real representa exactamente uma concretização deste panorama contraditório entre as oposições e a harmonia. O mundo não é monopolar, mas sim pluripolar. O mesmo acontece à História. A época actual é uma era de coexistência de polos diversificados e de coexistência concorrencial, mas a Humanidade tem os mesmos objectivos, isto é, procurar os interesses de cada nação e dos povos do mundo e um desenvolvimento sustentável para todo o Globo e toda a Humanidade. A paz e o desenvolvimento constituem duas temáticas principais do Mundo de hoje. Por isso, o que precisamos não são critérios de valores, nem únicos nem parciais, mas sim os mais abrangentes possíveis. A “harmonia com diferença” é uma resposta a esta temática do tempo. A Humanidade precisa de criar novas formas civilizacionais numa coexistência pluralista, para promover os progressos do Mundo. Para tal, é preciso alimentar o respeito pelos outros, até pelos adversários. Com esta condição prévia, aprende-se a transigência, a procura de afinidades, mantendo-se as diferenças, com benefícios mútuos e vitórias para ambas as partes. Principalmente, na complementaridade pluralista deve-se tentar aperfeiçoar e não aniquilar os adversários. Só desta maneira é que se pode atingir o estado de espírito de “harmonia com diferença e diferença com harmonia”, isto é, com os mesmos objectivos de desenvolvimento, mas com modelos diferentes, como reza o provérbio: “Todas as estradas levam a Roma”. O tradicional espírito chinês da “harmonia com diferença” que estava condicionado pelos factores étnico, consanguíneo e geográfico, só desempenhava funções limitadas em determinados âmbitos. É o que foi destacado por Max Weber no seu «O Confucionismo e o Taoísmo». Francis Fukuyama também destacou dizendo que os capitais sociais chineses parcialmente fechados dificultaram o alargamento da envergadura da produção moderna; no entanto, o processo da globalização faz com que a tradicional “harmonia com diferença” deva alargar o seu âmbito de aplicação e ultrapasse os interesses locais e os conceitos dos seus próprios valores. Para Benjamin I. Schwartz, o “passado” e a “modernidade” da China não constituem necessariamente oposições entre dois corpos que rejeitam interpenetrações entre si. O casal antropólogo Rudolf frisou: “O passado e a modernidade são dois estados em constante movimento e em interpenetração. Numa sociedade

tradicional, estão patentes as potencialidades modernas e numa sociedade moderna, estão personificadas as características tradicionais”⁴. Mas para fazer da “harmonia com diferença” uma “transformação criativa”, no dizer do Professor Lin Yusheng, é preciso integrar, mediante ponderação, racionalidade e espírito dialético, o democratismo que advoga igualdade para todos na política e na economia modernas, o liberalismo, o individualismo e o “subjectivismo”, apologista de benefícios e interesses mútuos, entre outros princípios, como o espírito de “Bondade e harmonia”⁵ da cultura tradicional. Só assim é que se pode dar forma a uma “ordem expandida” no dizer de F. A. Hayek, e alargar o âmbito da aplicação da “harmonia com diferença”.

A Região Administrativa Especial de Macau tem fornecido campo de prática para a “harmonia com diferença” e a “procura da sobrevivência mediante o desenvolvimento” que resultam de transformações inovadoras. Ao longo da sua história e na realidade em Macau sempre tem existido um desenvolvimento harmonioso multidimensional e multinivelado. Politicamente falando, as autoridades coloniais portuguesas de Macau, as entidades governativas de todas as dinastias chinesas, a elite local e a sociedade civil local de Macau têm vivido numa coexistência harmoniosa, durante longos períodos. No que diz respeito aos termos sociais, os chineses, os macaenses, filhos da terra, e as pessoas vindas de fora têm vivido numa coexistência harmoniosa. Culturalmente, tem-se verificado uma confluência de elementos antigos, modernos, chineses e ocidentais. Este estado de espírito pluralista, as tradições políticas, a atmosfera cultural e os usos e costumes sociais, peculiares de Macau e de longa data, fazem com que o modelo predominante no relacionamento humano social tenha uma marcante abrangência, respeito mútuo e ajuda mútua, tornando a “harmonia com diferença” e a “procura da sobrevivência mediante o desenvolvimento” num consenso básico para a elite e o povo em geral da sociedade de Macau. “A maior característica de Macau reside em que a sua sociedade sempre se tem desenvolvido numa atmosfera harmoniosa”⁶. O desenvolvimento da construção da Região Adminis-

⁴ Idem.

⁵ Por “bondade” entende-se a igualdade de personalidade entre as pessoas, o sentimento humanista de ajuda mútua e amor aos semelhantes e as responsabilidades sociais e ideais do modo de estar. Vejam Shi Zhongyuan, “Bondade e harmonia, orientação de valores para o século XXI”, in «Século XXI», n.º 1 de 2002.

⁶ Edição de 8 de Maio de 2004, do Jornal Va Kio.

trativa Especial de Macau já confirma e deixa bem à vista a eficácia e os méritos do “desenvolvimento harmonioso”. Os princípios de “Cada um se aperfeiçoar, um aperfeiçoa outro, se aperfeiçoam em conjunto para atingir a paz e a fraternidade universal”⁷, descritos pelo senhor Fei Xiaotong, resultaram concretizados em Macau. Por isso, o futuro desenvolvimento de Macau precisa de formar o seu modelo na assimilação das vantagens civilizacionais pluralistas. É preciso a integração de todas as forças sociais, incluindo o Governo, em todas as actividades e áreas e em conjunto com outras entidades, envidando esforços para o desenvolvimento de Macau, da China e do resto Mundo.

A “imparcialidade, harmonia, hierarquização e ensinamento”: essência confuciana do desenvolvimento harmonioso e a sua “transformação criativa”

Ao longo da história e cultura chinesas, de longínquas origens, da cultura confuciana, como corpo principal, a sua essência traduz-se em 4 caracteres: “imparcialidade, harmonia, hierarquização e ensinamento”, gravados quase em todos os templos de Confúcio, espalhados pelo território chinês. Isto transforma-se no critério básico dos valores que se transmitem de geração em geração entre os chineses, constituindo o conteúdo do “desenvolvimento harmonioso” em questão.

«A Doutrina do Justo Meio», a partir dum ponto de vista sentimental, faz uma definição básica do “justo”. Por ele entende-se uma “equidade, sem excesso.” Quando uma pessoa não deixa exteriorizar os seus sentimentos de regozijo, fúria, tristeza ou alegria, tem a sua mente serena e calma; por isso, chama-se “justo”. Trata-se dum Justo Meio, sem teimosia, equidade sem extremismos e uma justeza imparcial. Por isso, o “Justo Meio” é o ponto crítico de equilíbrio. Confúcio achava que o “Justo Meio” é a máxima virtude e o supremo critério da moral⁸, objectivos

⁷ Fei Xiaotong, “A propósito da harmonia com diferença”, <http://www.booker.com.cn/gb/paper18/5/class001800003/hwz30461.htm>

⁸ «Diálogos do Confúcio»: “O Justo Meio é uma suprema virtude!” A mais autorizada definição sobre o pensamento da “Doutrina do Justo Meio” foi feita por Cheng Zi, que afirma: “A imparcialidade chama-se Justo e a imutabilidade é o Meio. Quem pratica a justeza, é o legítimo Justo do Mundo. O meio é o princípio do Mundo.” Zhu Zi reproduziu esta frase no seu «Citações do Justo Meio», tornando-a numa versão autorizada.

difíceis de serem alcançados. Num ambiente em que toda a gente já atinge o estado de espírito de “equidade”, todos serenos e calmos, a viver numa perfeita ordem social, não haverá conflitos sobre a face da terra. A “equidade” é a filosofia de vida mais subtil e pragmática dos chineses. Esta “equidade” não é cega e inalterável, mas sim um reajuste e moderação selectivos, porque no mundo não existe uma verdade objectiva super-absoluta.

As formas modernas dos valores da clássica “equidade” traduzem-se em dois aspectos: o interior e o exterior. A sociedade humana moderna pluralista e globalizada significa que a coexistência harmoniosa entre as nações e os estados, com valores e tradições diferentes, deve ter um sistema de normas socio-político-culturais correspondente. O pluralismo é, em certo sentido, só um estado de coexistência e não uma moldura de esforços conjuntos para o desenvolvimento. Os factores pluralistas coexistentes contam com os seus próprios valores e não podem ser classificados de “bom” ou “mau”. Mas a sua interacção cria condições para o aperfeiçoamento das regras normais. Só tomando a “equidade” como princípio e fazendo com justiça avaliações para poder conjugar os esforços incessantes, numa tentativa de se aproximar da realidade, como destaca Karl Raimund Popper, “(and in doing so) we can to some degree understand the needs that they serve. To the extent we succeed in this, we are indeed called upon to improve and revise our moral traditions by remedying recognisable defects by piecemeal improvement based on immanent criticism, that is, by analyzing the compatibility and consistency of their parts, and thinking with the system accordingly”⁹ e procurar para a coexistência pluralista normas gerais minimamente aceites por todos os intervenientes¹⁰, de modo a rejeitar determinada ética com certa conotação hegemónica. Este processo unificado constitui o comportamento mais básico do pensamento de “equidade”. Uma unificação mecânica não surtirá possivelmente resultados satisfatórios. O pensamento da “equidade” presta mais atenção a uma sintetização inovadora. Aqui, a “equidade” não possui somente o seu significado ético, também tem o seu valor metodológico. Os princípios filosóficos do conceito de consenso sobre-

⁹ Friedrich August Von Hayek, *The fatal conceit: The errors of socialism*, London [New York, N.Y.] : Routledge, 1988, page 69.

¹⁰ Fei Xiaotong, “Sobre as reflexões culturais da globalização económica e “dois saltos com três passagens” da China”, in «Seleção da Nova China», N.º 2 de 2001.

posto¹¹ lançado em «O liberalismo político», pelo senhor John Rawls, conhecido pelos seus tratados sobre a justiça, e do discurso ético de Jurgen Habermas¹², têm uma grande afinidade com o princípio da “equidade”. A nível interno, Macau, que se encontra no seu processo evolutivo moderno, também está perante problemas daí advenientes, tais como, o relacionamento entre o Céu, a Terra e o Homem, a política e a ética, os direitos e os deveres, os indivíduos e a comunidade e precisa de procurar com a “equidade” um equilíbrio entre os indivíduos e a colectividade, o Estado, a sociedade, os direitos e os deveres, as virtudes e as responsabilidades. A “terceira via” que surgiu recentemente no Ocidente, representa nos seus esforços um objectivo semelhante à “equidade”. A proposta feita pelo Senhor Edmund Ho, na sua candidatura ao segundo mandato como Chefe do Executivo e na mesa-redonda com os representantes das associações profissionais de Macau, constitui uma exigência natural das regras do desenvolvimento social. “O Governo e a Sociedade devem necessariamente ter a sua orientação, com os seus focos. Todos os habitantes de Macau devem marchar na mesma direcção e conjugar os esforços para melhorar o nível geral da vida de Macau. ...Aumentar a qualidade geral da vida de Macau é uma engenharia social geral. Toda a sociedade não só deve criar o consenso e os objectivos de esforços, como também precisa de entender as conotações dos seus objectivos. Do consenso para a percepção, os meios profissionais podem desempenhar uma função chave”¹³. “Os meios profissionais de Macau têm a coragem de aceitar opiniões diferentes e dar a conhecer as suas opiniões diferentes. Possuem um pensamento independente e uma identificação básica com a Pátria e com a sociedade”¹⁴. Evidentemente, o Sr. Edmund Ho espera que os meios profissionais de Macau dêem um exemplo, ao quebrar as mentali-

¹¹ Consenso sobreposto — Com a mínima afinidade dos interesses pluralistas sobrepostos e das aspirações, cria-se uma base teórica para a justiça social. Cf. Ren Jiaotao, “A Doutrina do Justo Meio: Um estudo sobre o seu valor como uma ética universal”, in *Boletim Académico da Universidade de Amoy*, 29 de Abril de 2004, citado em <http://paper.studa.com/2003/9-10/2003910171447.html>

¹² No discurso ético, a criação das condições das negociações e aparecimento dos cenários negociais dependem, em certa medida, da “distância que se mantém com as próprias tradições e do alargamento da visão, sujeita a restrições”. Cf. Juergen Habermas: «Três normas democráticas: Sobre o conceito da política consultiva (Parte II)», citado em <http://www.yannan.cn/data/detail.php?id=1857>

¹³ Edição de 16 de Agosto de 2004, do Jornal Ou Mun.

¹⁴ Idem.

dades do conservadorismo profissional e as comparações ostensivas entre os interesses de profissões diferentes. Disso vê-se que em Macau, uma equidade moderna ainda se encontra num estado embrionário, mas a vida social precisa que ela seja promovida e elevada. “Talvez, uma vida social que se enraíza na equidade, ela em si constitui um objectivo natural que procuram todas as gerações humanas do passado e do presente; por isso vai ser a orientação básica dos movimentos sociais modernos”¹⁵.

Nos tratados clássicos da antiga China, a harmonia sendo um estado de espírito, tem uma conotação muito rica que se refere a uma situação que se forma depois da integração dos principais elementos do sistema natural; dito duma maneira mais simples, um equilíbrio entre o Yin e o Yang. Explicando com maior profundidade, refere-se às condições prévias de formação mútuas e às superações mútuas e aos benefícios e prejuízos mútuos, formados pela contradição e a unificação entre os 5 grandes elementos: o ouro, a madeira, a água, o fogo e a terra, que foram as múltiplas faces e interações, o seu benigno sistema circulatório sempre regenerador. A acepção básica da “harmonia” é a consonância em que se inclui a “harmonia com diferença”, o “colaborar-se em perfeitos acordos” e a “paz e concórdia”. Os antigos chineses prestavam atenção à harmonia entre o Universo e a Natureza, entre o Homem e a Natureza, especialmente entre as pessoas. O Confucionismo sempre deu realce à harmonia. Confúcio advogava: “Na aplicação dos ritos, a harmonia é a mais preciosa”. Mêncio lançou a teoria de “O destino e as oportunidades dão prioridade à harmonia”, considerando a harmonia como a personificação dos ritos e a melhor via para a sua concretização. Sendo um importante conceito confuciano com que se resolvem as relações entre as pessoas, a harmonia é, ao tempo, o critério dos valores dos actos humanos, mas também constitui o objectivo das relações pessoais. Os chineses tomam a harmonia como o princípio básico do relacionamento social, a procura da boa vizinhança, paz e consonância entre as pessoas. Tratar os seus semelhantes com honestidade, confiança, tolerância, caridade e amor, cada um no seu lugar, sem interferências mútuas, a “harmonia com diferença”, a “procura dos pontos comuns e a manutenção das divergências” e a coexistência pacífica entre as oposições, constitui a harmonia. Através da boa vizinhança, paz e consonância e tomar a ordem e o equilíbrio da sociedade como os objectivos dos valores, podem-se evitar eficazmente excessos

¹⁵ Citado em Ren Jiantao, op. cit.

ou confrontações na sociedade, reduzir os atritos e desgastes internos, para que a sociedade possa viver um desenvolvimento relativamente estável, duradouro e benigno. Desde as Dinastias Qin (221 AC-206 AC) e Han (206 AC-220), o pensamento da harmonia, como uma síntese da essência do fenómeno da cultura chinesa, tem perdurado em todas as épocas da história do desenvolvimento cultural da China e em todas as correntes e escolas, chegando a ser o âmago da cultura chinesa e um espírito humanista de aceitação generalizada.

O antigo conceito da “harmonia com diferença” continua com grande vitalidade e combina-se perfeitamente com a tendência pluralista da sociedade moderna e do Mundo de hoje. O pluralismo traduz-se na concorrência política, nos valores morais diversificados e nas normas culturais pluralistas, entre outros aspectos. A parecença entre a “harmonia com diferença” e o pluralismo ocidental reside em apoiar as diferenças e a diversidade, provando que a diferença seja proveitosa e utilizável. A diferença entre as duas teorias reside em que a “harmonia com diferença” tem a vantagem de referir a diferença e a harmonia ao mesmo tempo, que constituem condição prévia uma da outra. Isto é a chave, porque entre as duas existe uma subtil, mas dialéctica tensão. Nos tempos de hoje em que impera a superioridade do carácter individual, o individualismo, o separatismo, a marginalização, etc., a exclusiva referência à “diferença” facilmente levaria ao extremismo e ao fundamentalismo. Mas a atenção simultânea que a “harmonia com diferença” dedica aos dois elementos realça a distinção entre a harmonia e a diferença. Só falando na harmonia pode acontecer que se favoreçam os partidários e se persigam os opositores; alegando o próprio objectivo da harmonia, também poderia levar a conflitos radicais. A teoria dos conflitos civilizacionais de Samuel P. Huntington constitui uma concretização disto. O realce dado aos conflitos ou lutas levaria a alguma monopolarização do mundo e da história, o que facilmente poderia ser objecto de culto da lei do mais forte. Uma referência simultânea aos dois elementos é que pode formar um mecanismo de vigilância mútua, e evitar qualquer tendência extremista, antes da sua nascença. A harmonia conta em si a diferença. A diferença é uma realidade objectiva, inteiramente independente da nossa vontade. Como tal, é preciso a harmonia entre si e através de comunicações, formando-se toda a espécie de conhecimentos, crenças e inspirações para conseguir um maior desenvolvimento. As novas coisas sempre surgem nas circunstâncias de benefícios mútuos e de cooperação. Na folha do rosto de «On

Liberty», de autoria de John Stuart Mill, lê-se uma frase proverbial de Wilhelm von Humboldt: “The grand, leading principle, towards which every argument unfolded in these pages directly converges, is the absolute and essential importance of human development in its richest diversity.- Sphere and Duties of Government”¹⁶. Por isso, o desaparecimento da diferença não daria necessariamente lugar à criação duma situação de harmonia, até poderia trazer maiores crises, porque o impedimento de cada possível criatividade significaria coibir o seu desenvolvimento. Para procurar, na máxima medida, os pontos comuns e manter as divergências, a diferença pode ser tanto ideológica como institucional. Disso constitui um excelente exemplo “Um país, dois sistemas”, que personifica a inteligência da “harmonia com diferença”. O uso do pensamento da harmonia na actualidade deve assimilar novos espíritos, conforme as circunstâncias da época. Não basta a procura da harmonia. Com base nisto, é preciso promover a comunicação e a cooperação entre todas as partes; isto é, através da integração dos princípios da democracia, igualdade e liberdade da política e economia modernas e através da defesa dos debates e discussões livres, promovem a percepção e a inovação. Os meios profissionais de Macau também constituem um exemplo típico da “harmonia com diferença”. Devido à “diversidade profissional, os pensamentos são relativamente independentes, mas todos levando em consideração os interesses gerais de Macau, em relação às insuficiências dos trabalhos do Governo, têm feito duma maneira consciente críticas racionais e lançado sugestões de melhoramento. Isto é muito raro nos meios profissionais de outros países e territórios”¹⁷. Os meios profissionais, no seu encontro com Edmund Ho, apresentaram sugestões relativamente concretas sobre o aumento da qualidade geral dos habitantes de Macau, a saúde física e mental e como fazer com que os habitantes possam gozar dos actuais bons sucessos económicos, além de propostas generalizadas sobre o desenvolvimento das mais diversas profissões, baseadas nas suas realidades. Edmundo Ho, ao mesmo tempo que confirmou estes valores políticos, frisou que a base da harmonia das diferentes profissões reside no consenso do espírito de manter a estabilidade social. Levá-lo a todos os círculos sociais deve ser um uso e costume de “Macau governada pelas suas gentes”. Portanto, Macau sujeitar-se-á à prova dos tempos, conterà os conflitos e

¹⁶ John Stuart Mill, *On Liberty with The Subjection of Women and Chapters on Socialism*, Cambridge University Press, 1989, page 4.

¹⁷ Edição de 16 de Agosto de 2004, do Jornal Ou Mun.

resolverá pacificamente os problemas, de modo a deixar transparecer a diversidade do mundo e marchar em direcção dum futuro melhor.

Para «A Doutrina do Justo Meio», a serenidade mental, sem sinais de regozijo, fúria, tristeza ou alegria é considerada como “Justo”. Uma exteriorização espontânea e moderada de sentimentos é tida como harmonia. O estado de harmonia traduz-se numa ordem: a unificação da pluralidade, que pode ser descrita como “Cada um no seu lugar”. Numa unidade unificada, “Em todo o Universo, cada um no seu lugar”, cada elemento, cada parte, tem o seu próprio estatuto e ao mesmo tempo constituem um relacionamento de interdependência e ajuda mútua. O conjunto deste relacionamento forma uma ordem estável e harmoniosa, que é a harmonia. Este estado de “Cada um no seu lugar” é omnipresente. A “hierarquização” quer dizer ordem. Cada um no seu lugar, cada um com a sua responsabilidade e cada um com os seus benefícios. No vocabulário chinês, a palavra ordem é formada por dois elementos, que têm o mesmo significado de norma e seriação. Com a expressão “ordem” remontamos às «Obras Literárias Seleccionadas», da Dinastia Jin de Oeste(265-316)¹⁸. Isto prova que a China tem a tradição de regras e conceitos de respeitar as normas e as ordens. A sociedade humana precisa de funcionar dentro de ordens e as ordens sociais são necessárias. As pessoas, no processo da produção social que visa transformar em conjunto a Natureza e a vida social, têm dado lugar à institucionalização e normalização dum determinado relacionamento social, o que funda a ordem da sociedade humana. É ela que permite um normal funcionamento do relacionamento social. A sociedade humana tem tido sucessivamente 4 ordens sociais: a de usos e costumes, a moral, a institucional e a jurídica¹⁹. Elas não são inalteráveis.

¹⁸ Lu Shiheng, «Obras Literárias Seleccionadas»: “A ordem do Céu e da Terra é tão antiga como o Mundo.”

¹⁹ A ordem de usos e os costumes, que se baseiam em determinados usos e costumes, constitui a ordem mais primitiva da sociedade humana; a ordem moral, surgida após o abandono do obscurantismo, baseava-se necessariamente nos critérios do bom e do mau, que fundamentavam as crenças morais; a ordem institucional resultava da evolução constante do relacionamento social e da vida social que estavam na origem da complexidade do relacionamento social e das entidades organizativas sociais, que formavam uma ordem social que garantia, com as suas instituições, o normal funcionamento das entidades organizativas; a ordem jurídica, como uma ordem social especial que apareceu, é a forma mais desenvolvida e aperfeiçoada das ordens sociais. Cf. Wang Zhedong, “A Lei e as ordens”, in «Sobre a filosofia jurídica», Pequim, Editor da Universidade do Povo, 1999.

Entre elas tão-pouco existiu uma característica de rejeição mútua. Muitas das vezes coexistiam numa determinada sociedade para dar desempenho a umas funções conjuntas. O valor primordial da ordem social está em eliminar as confusões e defender a segurança, de modo a evitar a perda da ordem social, que está na origem duma desordem social. Ao mesmo tempo, dum ângulo global, a ordem social torna os actos humanos previsíveis. Constitui a condição prévia e a base para cada entidade estabelecer os objectivos dos seus actos e adoptar os modelos dos seus actos e o argumento com que se fazem previsões, comparações, contenções e estímulos dos seus actos e se realizam controlos racionais dos seus actos; de um ponto de vista parcial, cada um no seu lugar e através do comprimento das responsabilidades individuais para conseguir os resultados de cada um com os seus benefícios. Cada um com os seus benefícios e cada um no seu lugar, são duas componentes do mesmo problema, isto é, uma adequada colocação dos interesses parciais dentro dos gerais. Cada um no seu lugar significa cada um cumprir com as suas responsabilidades, mas não promove a acomodação. É preciso associar um sublime ideal e os redobrados esforços pelo progresso ao cumprimento das responsabilidades. Por isso, os seus objectivos podem ser resumidos como numa unidade entre cada um com os seus benefícios e cada um no seu lugar. A julgar pela totalidade, para “cada um com o seu caminho”, é preciso compatibilizar as exigências gerais e as concretas. Dum ponto de vista geral, é preciso ter uma percepção do próprio estatuto e das exigências para si próprio, a começar tudo a partir do “eu”. O cumprimento de “cada um com o seu caminho” das duas partes e a conjugação de esforços surtirão resultados ideais. No Estado Ideal, de Platão, a justiça significa “Cada tem de exercer, no Estado, um cargo que mais convenha à sua Natureza”, “Tem as suas coisas e trata dos seus assuntos” e “Só faz as suas coisas, sem acumular coisas de outrém.”

Como a condição básica da sobrevivência e do desenvolvimento da sociedade humana, qualquer sociedade funciona sobre um determinado trilho de ordem. A diferença entre as sociedades e os tempos diferentes revela-se em tipos diferentes de ordens. Na China antiga, a lei não tinha um estatuto independente. Era uma medida de castigo com que se garantia a realização dos ritos, cujo objectivo era, de acordo com a hierarquização, manter a ordem social, fazendo com que todos os participantes nas relações sociais, cada um tivesse o seu lugar e a sua titularidade. A ordem ética foi imposta ao ponto de ter uma aceitação geral, tanto pelos governantes, como pelos governados. O fundamento teórico dos valores

da ordem ética aloja-se na teoria da “legitimação” e “hierarquização”. A “legitimação” foi inicialmente lançada por Confúcio, para que cada um cumprisse com as suas responsabilidades, de acordo com a sua titularidade, cada um tivesse a sua hierarquização e a observasse. Cada um tem acesso aos seus benefícios, segundo a sua hierarquização. Todos os participantes tomam como Código de Conduta os ritos. Sendo assim, a sociedade era mantida dentro da ordem social. Na cultura tradicional, o conceito de hierarquização inclui, ao mesmo tempo, a seriação de direitos e a ordenação de deveres. A hierarquização, na sua essência, é uma expressa definição dos direitos e deveres. Com as titularidades bem definidas, estabelece-se a ordem. A escola confuciana chegou a transformá-la numa política ética que se traduz concentradamente no que se chama “As três regras (as relações essenciais entre o soberano e o súbdito, entre o pai e o filho e entre o esposo e a esposa) e as cinco principais virtudes (a benevolência, a justiça, a cortesia, a sabedoria e a sinceridade)”, que se tornaram no sistema teórico mais influente com que se defendia a ordem ética feudal. Esta ordem ética, que é um resultado natural das condições sociais e objectivas duma tradicional sociedade chinesa, exercia uma função extremamente importante, em relação à paz do país e à manutenção da ordem de toda a sociedade. Mas o problema é que, como se tratava duma procura única e final dos valores que se baseavam numa tradicional ordem que por sua vez se fundamentava numa economia natural, verificava-se uma evidente tendência para procurar a ordem pela ordem. Devido ao realce que se dava ao padrão ético, isto é, considerar o relacionamento ético como a base de toda a relação social, de modo a tomar as normas morais como núcleo da construção de todo o sistema social, as componentes encontravam-se desiguais e estavam fixadas em determinadas posições, solidificadas, o que provocava a perda da vitalidade para o desenvolvimento e a inovação que, com o seu enorme encerramento, constituía impedimento para o progresso de toda a sociedade. “Só quando a sociedade estimula todos os seus membros a procurar, em qualquer direcção possível, potenciais lucros e a defender os direitos individuais aos lucros, ela consegue mobilizar a ‘capacidade empresarial’ de todos os seus membros, de maneira a dar a esta sociedade uma vitalidade contínua (com constantes inovações)”²⁰.

²⁰ Fan Yafeng, “Que é que se entende pela ordem expandida: uma interpretação de «The Fatal Conceit» de F. A. Hayek”, in *Semanário Bibliográfico*, citado em <http://www.gongfa.com/extendedorderfanyf.htm>

Por isso, durante o desenvolvimento moderno, o significado da “hierarquização” deve adaptar-se às exigências dos novos tempos. A ordem social moderna, com base na economia de mercado, caracteriza-se pela democracia, liberdade, igualdades e governação, regida pela lei. Para Alexis de Tocqueville, trata-se da procura da igualdade dentro da liberdade. Pelos verdadeiros princípios democráticos entende-se que os desejos individuais podem ter um desenvolvimento livre, sem nenhuma restrição. Os expressos direitos de propriedade fazem com que os participantes na livre concorrência se tornem independentes, iguais e sem relações de dependência. O objectivo da procura da eficácia leva as entidades participantes à livre circulação para o desenvolvimento e a inovação, de modo a criar uma ordem aberta que se organiza num desenvolvimento dinâmico. Ao mesmo tempo, a razão da sobrevivência e prosperidade da estrutura do mercado moderno reside em que dentro da ordem, cada um só domina “informações parciais e dispersas”. Independentemente da vontade de dar favores a outros podem, “através destes recursos, fornecer serviços a indivíduos desconhecidos, que ficam à distância, para as suas necessidades”²¹. Por isso, forma-se uma “ordem expandida”, para superar a dificuldade em que “a maioria das actividades produtivas dos membros dos grupos ultrapassa o âmbito da recepção individual, o altruísmo inato actuando sobre estes antigos impulsos, impedindo a formação da ordem num âmbito maior”²². Se não conseguirmos formar uma ordem expandida da cooperação humana, duma tipologia local típica, então desaparecerá a sociedade local”²³. Embora a ordem social da Humanidade tenha a sua objectividade e inevitabilidade, ela só pode ser concretizada através das actividades práticas e intelectuais das pessoas. Trata-se dum resultado de unificação entre a objectividade e a subjectividade. Edmund Ho frisou que o desenvolvimento das diferentes actividades sociais precisa de ter ordenação e prioridades. Durante o processo de desenvolvimento, são necessários as metodologias, as exigências, as estratégias e o espírito da procura da verdade dos factos. Para tal, o Governo da Região Administrativa Especial de Macau criará mecanismos pertinentes para assimilar opiniões dos profissionais de todas as actividades e através de argumentações científicas, estudará os objectivos a serem atingidos por Macau, da-

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

qui a uns anos. Ele também lançou a sua esperança segundo a qual, mediante a criação dos objectivos para Macau, se procure que as pessoas de Macau possam usufruir dos seus direitos e cumprir com os seus deveres de serem donos do seu destino no processo de “Macau governada pela sua gente”. Só deste modo é que se pode, sob a condição prévia de independência de pensamento e até de concorrência, deixar actuar as forças individuais e ao mesmo tempo criar forças aglutinadoras. Estas expressões e medidas provam exactamente como é que Macau, sob a direcção do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, encabeçada por Edmund Ho, tem conseguido uma ordem moderna e a torna mais aperfeiçoada. Por sua vez, esta ordem moderna vai promover o desenvolvimento futuro de Macau.

A harmonia significa que durante o processo de “cada um no seu lugar”, se atinge a “equidade” e a “harmonia”. Para alcançar a harmonia, algumas partes têm de ser colocadas nos seus devidos lugares, para que se crie uma interdependência entre elas e se mantenham as suas particularidades. Por isso, para os interesses parciais dentro dos gerais, é preciso um arranjo de “ritos”, isto é, de um alinhamento estratégico. Os ritos não são só curativos (um remédio), também são alegres (alegrias). A vida com ritos constitui um processo de constante crescimento e extensão do âmbito e da intensidade das experiências da vida. São resultados dos ensinamentos. O ensinamento resulta de ensinar e civilizar. A criação e o ensinamento formam o desenvolvimento. “Já nos anos 30 do século XX, o Senhor Pan Guangdan, ao falar do problema da ‘hierarquização’ e do ‘ensinamento’, opinava que nestes dois aspectos, a ‘hierarquização’ significa a ordem, o ensinamento e o, progresso. Os que conseguem a ‘hierarquização’, acomodam-se com as suas posições e os que conseguem o ensinamento, obtêm progressos”²⁴. Para elucidar este conceito, uma pequena investigação sobre a etimologia do termo inglês “education” poderia ser útil. As suas duas principais raízes “educere” e “educare” são complementares. Por um lado, representam o modelo lógico do “ensinamento”. Inicialmente, significa apenas uma percepção lógica e racional (educare); um processo cíclico faz com que a criatividade surja desta percepção, tornando-se em “educere”, que é um processo espontâneo de

²⁴ Fei Xiaotong, op. cit., em <http://www.booker.com.cn/gb/paper18/5/class001800003/hwz30461.htm>

novas coisas. Por outro lado, destacam que é uma orientação racionalmente normalizada²⁵.

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau e a sociedade de Macau já têm o seu guia e os seus focos: os objectivos de luta para aumentar o nível geral da qualidade de vida de Macau, apelando a todas as pessoas de Macau que se dirijam na mesma direcção, se esforcem pelo aumento do nível geral da qualidade de vida de Macau²⁶. Numa sociedade moderna, o desenvolvimento nunca se pode separar do ensino. Por um lado, o desenvolvimento económico precisa do impulso das indústrias de alta e nova tecnologia. Por outro, a estrutura de conhecimentos duma sociedade exerce uma função determinante e menosprezível, em relação a um maior desenvolvimento. “As ciências e as tecnologias constituem forças produtivas.” Por isso, a formação científica e tecnológica do povo é indispensável. Por outro lado, não se pode menosprezar a importância das ciências humanas e sociais. “As ciências naturais e as humanas são como as duas asas do mesmo pássaro e as duas rodas do mesmo carro.” Um desenvolvimento unilateral, sem os apoios das ciências humanas tornar-se-á insustentável com os problemas a surgir. Além disso, os progressos sociais não se podem desprender das pessoas. Os recursos humanos são os recursos sociais mais preciosos. A concorrência, no futuro, seria uma competição de recursos humanos, cujo fornecimento passa necessariamente pela formação constante. Aliás, a aceleração da velocidade da actualização dos conhecimentos no desenvolvimento futuro faz com que o ensino seja uma necessidade vitalícia. As pessoas precisam de aprender constantemente para poderem acompanhar a evolução dos tempos. Perante esta tendência, o Governo da Região Administrativa Especial de Macau já tem a percepção da importância do ensino em relação ao desenvolvimento, de forma a ter tomado medidas nas mais variadas áreas para aumentar o nível geral do ensino de Macau. “A Federação dos Chineses do Ultramar deve dar oportunidade às suas próprias vantagens. Acompanhando a evolução dos tempos, tenta rejuvenescer e actualizar as suas ideologias, ao mesmo tempo precisa de aumentar a frente de unidade.

²⁵ Cf. Roger T. Ames e David Hall, Peng Guoxiang, “Novos tratados sobre a «Doutrina do Justo Meio»: uma interpretação filosófica e religiosa”, inicialmente publicado na «História da Filosofia da China», n.º 3, 2002, citado em <http://www.confucius2000.com/confucian/rujiao/zyxlzxyjxdqs.htm>

²⁶ Edição de 16 de Agosto de 2004, do Jornal Ou Mun.

Para transmitir as tradições de geração em geração e evitar uma possível ruptura resultante do rejuvenescimento, deve adoptar-se uma combinação de elementos de idade avançada, média e jovem. A geração mais velha deve apadrinhar a mais jovem, para que esta tenha o seu espaço de desenvolvimento. Aliciar os jovens a compreender como amar a Pátria e Macau e apreciar Macau como o seu lar.... Neste aspecto, tentam aumentar a sua função educativa junto da maioria dos habitantes de Macau²⁷. Edmund Ho, como candidato ao segundo mandato de Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, nos repetidos encontros com as muitas associações e grupos, prestou atenção ao problema dos recursos humanos locais.

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau, encabeçado por Edmund Ho, no tratamento das relações internas da sociedade de Macau, entre Macau e outros territórios e países do mundo, entre Macau e o meio ambiente natural, ao nível destes 3 aspectos, tem posto em prática uma ideologia do “desenvolvimento harmonioso”, que se baseia principalmente em “imparcialidade, harmonia, hierarquização e ensinamento” e tem trazido sucessos assinaláveis ao desenvolvimento de Macau. O empenho do Governo da Região Administrativa Especial de Macau na ideologia de “desenvolvimento harmonioso” fará com que todos os membros da sociedade tenham acesso aos seus benefícios, numa situação de cada um com os seus benefícios, maior amor mútuo e confiança mútua para procurar a coexistência e a prosperidade, para que Macau evolua para um desenvolvimento mais próspero no futuro. As suas experiências poderiam servir de lição para outros territórios do resto do mundo. As conotações do “desenvolvimento harmonioso” serão, com as constantes práticas, enriquecidas e complementadas.

²⁷ Edição de 8 de Maio de 2004, do Jornal Va Kio.